

Texto e fotos
de
Liana John

Nossos amigos



Dimitry Petrov:
"não sou faquir para voltar a ser músico".

Para fugir ao "stress" da profissão, descarregar uma rotina diária, ou mesmo por amor, muitos publicitários embalam sua criatividade na harmonia do jazz, nas suas horas de folga. Homens de propaganda há bastante tempo, profissionais estabilizados, eles voltam às aulas para reaprender música e Alguns destes publicitários já tocam juntos. É o caso de Armando Moura (Tempo de Publicidade), Nerval Faria Lemos (na época da McCann-Erickson), Armando Mihanovich (MPM-Casabranca) e Teodoro Francisco Spinoza (fotógrafo de publicidade - Studio Spinoza). Alguns já foram músicos profissionais e tocam "na noite", como Dimitry Petrov (Novagência), Sérgio Graciotti (MPM-Casabranca) e Klaus Isnenghi (SGB). Outros, como José Eduardo Homem de Mello, o Zuza da Jovem Pan, já foram da propaganda (De Mello e Leonardo) e hoje fazem da música sua profissão.

Nossos músicos das horas vagas têm marcante predileção pelo jazz. "Pela extrapolação permitida por este tipo de música, que é feita de improviso e põe à prova a criatividade de quem toca" (justificativa de quase todos os entrevistados). A propósito, vale recordar que o jazz, nascido por volta de 1900 nos Estados Unidos, "era uma música que combinava as convenções melódicas e harmônicas da música popular de então com a concepção rítmica e vocal do negro americano. A princípio foi chamada música de razz ou spasm, mas ao tempo da I Guerra Mundial recebeu o nome de jazz ou jazz e este último perdurou" (A História do Jazz, de Charters e Kunstadt). Sua evolução foi bastante acelerada justamente por ser o improviso uma das mais fortes características do estilo. As várias épocas do jazz, que hoje podem ser chamadas de escolas (Tradicional, Dixieland, Charleston, Chicago, Be Bop, Cool jazz, Modern jazz, Free jazz), contribuíram para o seu fortalecimento e, atualmente, pode-se afirmar que o jazz existe na música do mundo inteiro, com exceção dos lugares onde não há qualquer influência da cultura ocidental.

Os instrumentos básicos no jazz são: bateria, contrabaixo ou guitarra, piano e metais (clarinete, saxofone, trombone, tuba, trompete, flauta).

A maioria dos homens de propaganda entrevistados toca ou está aprendendo piano, talvez porque seja um dos instrumentos mais com-

pletos em termos musicais. Armando Moura é um dos pianistas. Ele vive arrumando conjuntos e shows, até mesmo dentro da Tempo, onde organizou uma festa de Natal (no ano passado) ao som do jazz tocado por colegas de trabalho.

Diretor de arte da Standard do Rio em 1950, da Thompson (52) e da McCann (57-75), Armando Moura hoje dirige a criação de sua própria agência (a Tempo). Observa que a música tem muita relação com o seu trabalho, na medida em que ele pode expressar ao piano toda a criatividade que na propaganda "fica condicionada ao cliente, a uma sociedade que tem suas regras.

A criação de anúncios não satisfaz, o que leva o publicitário a procurar a música".

Armando costuma tocar todos os dias, por 40 minutos, quando sai do trabalho: aí é que ele se desliga de todas as outras coisas. Quando acaba de tocar, "é como se tivesse saído de uma sauna ou de uma terapia", afirma ele.

Seus filhos, Maurício e Ricardo, também tocaram com ele durante uma época, à semelhança da família Dó-Ré-Mi, mas era um conjunto apenas doméstico. Moura já tocou em muitos clubes, em boates e até uma vez na antiga TV Cultura, há mais ou menos 12 anos atrás. Neste dia, Ar-

mado Mihanovich (ex-diretor de arte da Lintas, Reclam, Multi, Alcântara Machado e atual diretor de criação da MPM-Casabranca) fazia parte do conjunto, na guitarra. Havia um arranjo que todos ensaiaram e um solo de cada instrumento. Mihanovich conta que, no momento de começar seu solo, viu que ia ser atacado de paralisia. Mas foi literalmente salvo pelo gongo, que souou mesmo, avisando que acabara o tempo do programa.

Para Armando Mihanovich, que já estudou na Cian (muito conhecida escola de música instrumental em São Paulo, pertencente ao Zimbo Trio), das 6 às 9



Teodoro Spinoza: Sax todas as quintas-feiras

da manhã, no almoço e no jantar, e hoje só toca com o filho Alexandre (bateria), "a música é uma maneira muito legal de se falar com uma pessoa, porque não dá para falar mal de ninguém. Às vezes no grupo existem pessoas que talvez se falando não se entendessem, mas que tocando se dão bem".

Para ele, criar na propaganda e improvisar no jazz não são coisas diferentes, pois as duas são manifestações artísticas. "O artista sempre trabalha para si mesmo, mas sempre sobra um pouco para todo mundo. Se ele faz um anúncio, alguma coisa na mensagem é do interior dele, de sua classe, de uma elite. Tocando, ele tem de ser puro, quem entender mais de música apreende mais a mensagem, quem entender menos, apreende menos e até quem não entende nada, pára e fica ali ouvindo".

Opinião um pouco diferente é a de Teodoro Francisco Spinoza, fotógrafo de publicidade (há dez anos com seu próprio estúdio), ex-diretor de arte da Orion Publicidade, CIN (hoje Leo Burnett), Lintas e Pueyredon (na Argentina). Spinoza diz que toca apenas para os músicos porque o público não entende nada. O importante para ele é se manter em contato com as artes, pois elas não são teóricas ou estáticas, "são práticas, reais, objeto de pesquisa constante. O jazz é um veículo onde se pratica a criatividade, exercita-se o ouvido. Se você conhece música e ouve um jingle, por exemplo, você sabe se a música está boa, se está condizente com a mensagem", explica ele.

Teodoro toca saxofone num grupo de engenheiros, médicos e bancários. Atualmente eles estão todas as quintas-feiras no Opus 2004. Spinoza descarrega ali "toda a pólvora que vou engolindo durante a semana. Na publicidade não sou eu, sou um veículo, mas na música sou muito mais eu", comenta.

Armando Moura: 40 minutos de piano por dia.



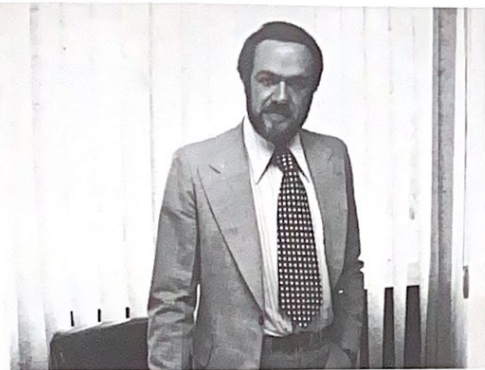
Armando Mihanovich: a música é maneira muito legal de falar.



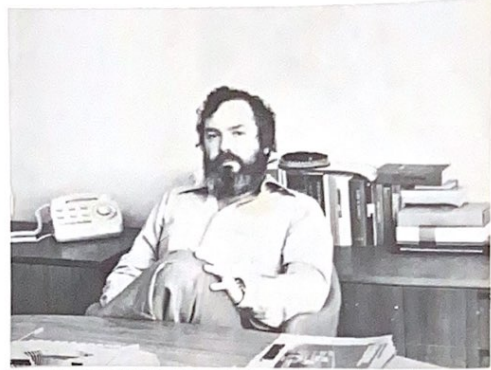
os músicos das horas vagas



stras no Opus 2004.



Klaus Isnenghi: "Swing Hot Six" aos sábados, no Opus 2004.



Sérgio Graciotti já foi músico profissional, tocando "na noite".

É assim, também, com José Eduardo Homem de Mello, o Zuzá, que tem um programa diário na Jovem Pan, das 17 às 18 horas. A diferença é que, para ele, a propaganda foi uma fase da vida (ele era sócio da agência De Mello e Leonardo), enquanto que a música é sua profissão. Apesar de não ser mais instrumentista — tocava contrabaixo — Zuzá ainda se considera um músico. Além de ter o programa na Jovem Pan, ele é produtor na RCA Vitor e escreve críticas e comentários sobre música n'O Estado de S. Paulo. Homem de Mello foi, ainda, o coordenador de uma enciclopédia de música que deve ser lançada brevemente.

Tendo tocado com vários amadores em boates e clubes, Zuzá conta que uma das coisas mais importantes para ele foi ter ouvido semanalmente, durante seis ou sete meses, dois grandes astros do jazz tocando juntos. Isso foi na época em que ele estudava música em Juilliard, Nova Iorque. Os grandes astros eram Thelonius Monk (piano) e John Coltrane (sax), na sua temporada no Five Spot Café. Essa dupla, da maior importância para o jazz moderno, nunca mais voltou a tocar junto, tendo John Coltrane morrido alguns anos depois. Ouvindo, mesmo num lugar muito mal frequentado como era o "Café", foi algo marcante na formação jazzística de José Eduardo, para quem hoje ouvir jazz, faz parte de sua profissão.

A mesma sorte já não teve Dimitry Petrov, diretor de criação da Novogência (já esteve também na CBB e na MPM-Casabranca). Sua flauta transversal não resistiu às péssimas condições de vida do músico instrumentista brasileiro: ele teve de mudar de profissão. Dimitry já tocou por uns tempos com Edson Machado (bateria), Macumbinha e Guilherme Vergueiro (atualmente nos Estados Unidos), ao lado de

muitos outros anônimos "da noite". Hoje, a música é apenas um hobby e ele toca com pessoas que "curtem música mas estão em outras atividades", como ele próprio define o conjunto ao qual se reúne uma vez por semana.

Segundo Petrov, um pouco da "melhor música brasileira que se faz são os jingles, porque tem gente muito boa trabalhando nisso. Certas trilhas de propaganda conseguem até se transformar em sucessos populares". Dimitry cita alguns dos músicos que considera bons, tanto popular como comercialmente: Sérgio Augusto, Walter Santos, Nelson Ayres, Marcos Valle, Ivan Lins e Eduardo Souto, entre outros.

Pretensões de voltar a ser músico, Dimitry não tem nenhuma. "Porque não sou faquir", explica. "A situação do músico brasileiro é trágica. Quando a gente vê morrer alguém como o Macumbinha morreu, quando a gente vê todas as dificuldades por que estão passando os músicos, em sua esmagadora maioria, a decepção é muito grande. Principalmente se levamos em conta que os grandes músicos estrangeiros acham que a música mais criativa, dentro da América Latina, está aqui no Brasil".

Dimitry não perde a oportunidade para chamar a atenção sobre o que está ocorrendo no Brasil. "É muito triste que isso aconteça num país onde existem tantos músicos incríveis. Eles acabam tendo que sair lá fora para provar que são bons".

E é pura verdade o que diz Dimitry. As escolas mais recentes do jazz incorporaram ao seu ritmo a música brasileira, o som latino sustentado com tanta dificuldade pelos nossos músicos. "O cool jazz, o modern jazz e o free jazz têm características mundiais, o rock e a música latina se misturaram e tudo evoluiu junto, enquanto que a música brasileira, tão boa ou melhor que

a americana (dentro de suas possibilidades), permanece estacionada por falta de pesquisa, porque o músico instrumentista brasileiro não possui uma tradição, como o cantor", critica Zeca Assumpção, contrabaixo da banda de Nelson Ayres, do Grupo 1 e do grupo que acompanhou Egberto Gismonti em sua recente temporada.

Mas, na publicidade, quem pode dar maiores informações sobre a influência de outros estilos no jazz e do jazz em outros estilos é Alberico Cilento, que cuida da supervisão de um grupo de planejamento e atendimento da DPZ. Alberico está dando um curso sobre jazz na Alumni, juntamente com Armando Afonso (do programa "Noite de Jazz", na rádio Eldorado). Com mais de 8 mil LPs de jazz, os dois ilustram as aulas, procurando falar pouco e ouvir muito desta arte que "nasceu neste século e está praticamente toda documentada" como observa Alberico. Ele diz que sempre foi ligado à música, mas que nunca havia estudado. Hoje deve à Clan, a escola do Zimbo Trio, a volta e continuidade aos seus estudos.

Alberico toca piano e costuma ir ouvir o solo de Moacir Paixoto, que toca diariamente no "21", das 18:30 às 21:30. "Um bar que parece ter sido feito para mim, pois fica em frente à DPZ e tem um pianista que, em matéria de sensibilidade e criatividade, vale a pena ouvir", comenta Alberico.

Na mesma agência e também numa supervisão de contas, encontramos outro músico: Federico Gueisbuller que, apesar do nome e da aparência, só toca música popular brasileira e boleros. Sua música, no entanto, tem alguma coisa a ver com o jazz pois, para ele, "foi uma descoberta o ritmo de bossa nova, as dissonâncias e harmonias musicais de Tom Jobim", que, sabemos, sofreu alguma influência do jazz. A revolução harmônica da bossa nova,

aliás, foi a primeira que se pode dizer influenciada pelo jazz, segundo Zeca Assumpção (acima citado).

Federico já compôs de parceria com um amigo que era letrista, mas atualmente toca só. No tempo que morou em Paris (69-70), tocava violão numa boate, mas agora se reserva para os amigos e pequenos grupos de pessoas.

Assim como Federico, Klaus Isnenghi, diretor de criação da SGB (já foi da Denison, Alcântara Machado e Proeme), também prefere tocar particularmente. Ele é sax tenor e costumava tocar aos sábados no Opus 2004, com um conjunto chamado Swing Hot Six. Dentro deste conjunto havia um engenheiro, um advogado, um estudante de economia e dois músicos profissionais, mas eles se separaram porque vinham muitas pessoas pedir que eles tocassem em outros lugares. "Já não estava dando para conciliar o trabalho, a família e a música e tivemos que optar", diz Klaus.

"O jazz não tem nenhuma relação com o trabalho que faço, mas sim com o tipo de atividade, porque ele exercita a cabeça na área de criação". Ele acha que o jazz é "muito mais a música do executor que do compositor e depende do estado de espírito de quem toca. É uma música que sai do coração: se tiver amor é mais suave, se estiver agressivo é mais agressiva", define Klaus. "O instrumento é como um cavalo, você tem que tratar bem e dominar. Se você for tímido, o som sai, fica inseguro, e você acha que é o instrumento que não presta, quando é você que não está prestando".

Os músicos, para ele, se comunicam com o olhar: "se você comete uma gafe ou faz uma frase bonita, o olho do companheiro telegrafa a você. O importante é não se distrair nem parar. Se errar, continua, porque o público não percebe e os erros passam".

Eles também tocam

Sylvio Lima (redator da Lintas) — flauta; Tom Figueiredo (diretor de arte da Lintas) — cavaquinho; Raul Pinto (contato da Novogência) — contrabaixo; Serginho O. Souza (diretor da Così, Jarbas, Sergino) — piano; Sérgio Guerreiro (diretor da Lage, Stabel, Guerreiro) — piano; Sérgio Graciotti (diretor de criação da MPM-Casabranca) — baixo; Edmar Salles (diretor de arte da Lintas) — flauta; Paulo Ghirrotti (diretor de arte da Denison) — viola e craviola; Ercílio Trajan (redator da Denison) — flauta; Cristina Carvalho-Pinto (diretora de criação da McCann) — piano. Aldo Astolfi (marketing da Marchand); Silvio Hass (Adams, foi da Standard); Luís Carlos Fazzio (Novociclo); Miguel Ângelo Terra (Publictec); Ismael Campiglia também fazem parte da lista, que é muito grande. Nem todos, porém, puderam ser entrevistados, ou porque fazem segredo de suas habilidades ou por falta de tempo nosso. Que nos perdoem.

Federico Gueisbuller: tocando violão numa boate em Paris.



Meio & Mensagem, 25 de maio de 1978



Zuzá: música num programa diário pela Jovem Pan.